

# Propósito e Abordagem na Pesquisa Transdisciplinar do Campo do Património Cultural

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.7>

**Armando Jorge Lopes**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique/  
Gabinete de Qualidade, Universidade Politécnica, Maputo, Moçambique  
<https://orcid.org/0000-0001-9395-8987>  
[ajplopes@uem.mz](mailto:ajplopes@uem.mz); [ajplopes@apolitecnica.ac.mz](mailto:ajplopes@apolitecnica.ac.mz)

## Resumo

O presente artigo põe o enfoque em dois parâmetros científicos, o propósito e a abordagem na pesquisa, cuja clarificação proporciona enquadramentos importantes e úteis para o tratamento de temáticas inerentes à pesquisa ou para a comparação e discussão de diferentes projectos de investigação. Argumento que estes dois parâmetros fornecem os pilares metateóricos nos quais assenta qualquer pesquisa e, no caso vertente, a que envolve o património cultural. Os dois parâmetros ocupam-se do nível de conceptualização da pesquisa, o que implica chegar a decisões sobre o propósito a que a pesquisa se destina e decisões sobre a abordagem à temática a investigar. Os restantes dois parâmetros, que não são objecto deste trabalho, têm a ver com o nível operacional ou de concretização dessas decisões conceptuais sobre o propósito e a abordagem à pesquisa, ou por outras palavras, sobre a sua operacionalização em forma do design da pesquisa e metodologia (controlo e manipulação da pesquisa) e referente aos dados, sua recolha e análise. Neste texto, considera-se que a cultura é um super-sistema constituído por sistemas que interagem entre si, o que nos permite captar a complexidade que envolve a investigação de uma temática, ao mesmo tempo que compreendemos como abordar a pesquisa, ora olhando para um quadro mais amplo, ora olhando para uma das suas partes.

## Palavras-chave

parâmetros na pesquisa cultural, postura transdisciplinar, património cultural, reciprocidade

## Sobre Dois Parâmetros Científicos

Começo por tratar o parâmetro do propósito e o parâmetro da abordagem à pesquisa, que são, como todos nós aqui sabemos, pesquisadores e estudantes, dois parâmetros científicos fundamentais quando pesquisamos em diferentes campos e, no caso vertente, nos campos da cultura, das identidades e do património. Existem duas formas de tratar a pesquisa em torno de uma temática, nas suas múltiplas componentes: por vezes, procuramos compreender o todo ou uma parte considerável do todo para deixarmos mais claras sobre as possíveis relações entre essas componentes; outras vezes, tentamos identificar partes do todo para estudo no imediato e para, posteriormente, enquadrar essas partes num todo coerente.

Em relação ao propósito da pesquisa, gostaria de referir o seguinte: se o propósito da pesquisa for heurístico ou descritivo, o investigador observa e regista algum aspecto ou algum contexto relacionado com a questão cultural a investigar. A adopção de um propósito heurístico na pesquisa permite-nos, por um lado, descobrir padrões, razões e comportamentos e, por outro, formular hipóteses para futuras investigações. Se o propósito for dedutivo, a investigação começa por uma noção pré-concebida sobre a questão cultural a pesquisar e, assim sendo, a pesquisa dedutiva é orientada por uma hipótese; ou seja, a pesquisa começa com uma questão, a partir da qual se afunila o enfoque da pesquisa, ao mesmo tempo que se investiga essa questão, de forma sistemática.

Quanto ao segundo parâmetro, a abordagem à pesquisa cultural pode ocorrer numa perspectiva sintético-holística, que põe em destaque a interdependência das partes da questão a pesquisar, ou ocorrer numa perspectiva analítico-constituente, que realça o papel das partes constituintes que caracterizam a temática na sua totalidade. Adotar uma perspectiva sintético-holística significa desenvolver uma abordagem a uma temática cultural que nos permita olhar para as partes separadas como um todo coerente. Adotar uma perspectiva analítico-constituente significa desenvolver uma abordagem a uma questão cultural que nos permita identificar e investigar uma componente ou um factor singular de uma questão com múltiplas componentes, ou investigar um conjunto de factores relacionados com a questão. Estas duas perspectivas corporizam o parâmetro da abordagem.

Em síntese, a abordagem sintética vê a pesquisa de um modo holístico, como um conjunto de factores que não são decompostos em unidades separadas para análise. A abordagem analítica selecciona um ou alguns factores em torno da questão para análise mais profunda, por vezes em forma de estudo controlado. Ambas as perspectivas têm implicações para o design da pesquisa e método.

Uma investigação pode ter um propósito heurístico, podendo estar associada a uma abordagem sintética ou a uma abordagem analítica referente à temática a investigar, constituindo-se, assim, em investigação sintético-heurística ou investigação analítico-heurística, respectivamente. Por outro lado, quando o propósito é dedutivo, a pesquisa pode também estar associada a abordagens sintéticas ou abordagens

analíticas, constituindo-se, assim, em pesquisa de natureza sintético-dedutiva ou em pesquisa de natureza analítico-dedutiva, respectivamente.

## Sobre a Transdisciplinaridade, Transculturalidade e Translinguismo

A postura tradicional na pesquisa, e obviamente também no processo de ensino-aprendizagem, foi e é disciplinar, porque na análise da questão a investigar se privilegia o enfoque circunscrito aos parâmetros e limites de uma determinada disciplina ou campo de estudo. Posteriormente, a chamada postura interdisciplinar passou a associar e a fazer confluir na análise conhecimentos e habilidades de outras disciplinas.

Quanto à postura transdisciplinar, ela opera com base na crença de que há conhecimento, conceitos, habilidades, atitudes e ações que transcendem as fronteiras de uma área disciplinar. A adoção de uma postura transdisciplinar significa que pessoas de duas ou mais disciplinas ensinam, aprendem e trabalham conjuntamente através de fronteiras disciplinares ou profissionais tradicionais. É claro que a postura transdisciplinar se socorre de posturas interdisciplinares que combinam duas ou mais disciplinas ou campos de estudo. A postura transdisciplinar, e com especial ênfase em relação às ciências sociais e humanas, realça os pontos de convergência entre a teoria científica e a teoria indigenizada, isto é, localizada, que se refere à prática.

A multidisciplinaridade, que envolve múltiplas disciplinas acadêmicas, revela reflexões disciplinares paralelas, colocadas lado a lado para consideração, diferentemente da transdisciplinaridade, que tem um pendor mais integrador e, por isso, socialmente, mais inclusivo. A transculturalidade, postura que busca interesses partilhados e valores comuns, assenta na superação de fronteiras, sendo marcadamente diferente da multiculturalidade, porque na postura da multiculturalidade tende-se a reforçar fronteiras que têm por base heranças culturais do passado: a postura multicultural faz relacionar uma cultura com outra ou outras diferentes, enquanto que a postura transcultural se amplia através de duas ou mais culturas.

A transdisciplinaridade, termo criado, em 1970, pelo psicólogo suíço Jean Piaget (1970) para designar uma determinada postura científica e intelectual, visa estimular novas compreensões da realidade através da articulação de elementos que atravessam disciplinas, e elementos que vão para além das disciplinas, promovendo a maior interação possível entre si, respeitando-se, todavia, as suas individualidades, em que cada uma colabora para um saber comum, e sem nunca se transformarem numa única disciplina. No caso dos estudos da cultura e da linguagem, a transdisciplinaridade visa igualmente desnaturalizar questões de hegemonia cultural e linguística, assumindo-se que o prefixo *trans* do termo é portador de sentido de movimento pluridireccional e recíproco (nunca de sentido único), de ajuda mútua através da experiência e de trocas justas, como acho que deveriam sugerir os conceitos de transculturalidade e translinguismo, cujos contornos em contexto da disciplina da análise do discurso tenho vindo a definir desde o livro *A Batalha das Línguas* (Lopes, 2004/2013, p. 167) e mais recentemente na comunicação na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Lopes, 2016), no livro *Com*

*Todos os Efes e Erres* (Lopes et al., 2016), em comunicações apresentadas em Joanesburgo (Lopes, 2017a), São Paulo (Lopes, 2017b) e no Minho (Lopes, 2017c), e num artigo que a *Revista Linha d'Água* (Lopes, 2018) publicou.

Para melhor definir os contornos da reciprocidade no âmbito da transdisciplinaridade, do translinguísmo e da transculturalidade, recorri a investigações realizadas no seio da psicologia behaviorista, com enfoque nos paradigmas de transferência propostos pelo psicólogo behaviorista americano Charles Osgood (1949), nas suas dimensões da proacção e retroacção. Segundo o psicólogo, a proacção é uma acção que se antecipa a uma situação futura, não ocorrendo apenas como reacção; enquanto que a retroacção é uma acção recíproca, que descreve um evento, estímulo ou processo, cujos efeitos influenciam efeitos de eventos, estímulos ou processos que ocorreram anteriormente.

Através da proacção são visíveis os efeitos numa determinada tarefa dois, e na sequência da execução da tarefa número um; por outro lado, através da retroacção podem-se ver os efeitos da tarefa dois na tarefa um, como aconteceu no passado e como continua a acontecer em relação às transferências linguísticas e culturais, por exemplo, da língua portuguesa para as línguas bantu de Moçambique, enriquecendo, de modo recíproco, as transferências linguísticas e culturais das línguas bantu que, em considerável medida, têm alimentado o português moçambicano (Lopes et al., 2002/2013).

A caracterização conceptual da transculturalidade assenta na noção que o ensaísta cubano Fernando Ortiz desenvolveu na década de 40 do século passado, à luz do seu pensamento sócio-antropológico, nos seguintes termos: “embora os povos subordinados geralmente não controlem aquilo que emana da cultura dominante, eles determinam, até certo ponto, aquilo que é absorvido pela sua própria cultura e aquilo para que é usado” (Ortiz, 1947, p. 230).

No prefácio à obra de Ortiz, Malinowski (1947) observa que este “é um processo no qual se dá sempre qualquer coisa em troca do que se recebe. É um processo no qual as duas partes da equação saem modificadas” (p. xiv).

A transculturalidade, como postura, parece-me, por vezes, mais bem servida por uma pesquisa de natureza sintético-dedutiva: uma pesquisa em que se prevê, por um lado, a articulação entre vários factores que partilham um tronco relacionado e, por outro, a articulação destes com uma determinada legitimidade patrimonial selectiva. São referidas como factores as possíveis intervenções arqueológicas e antropológicas e ainda aquelas que, entre outras, têm por base saberes disciplinares como a arquitectura e a história da arte. Porque o conjunto destes factores é tido como independente, primeiramente trata-se estes factores sinteticamente como um todo composto, para depois verificarmos se em combinação se correlacionam com o processo social de selecção de valores que determinados grupos e subgrupos humanos atribuem a diversos bens culturais.

Transculturalmente, são vários os valores antropológicos, históricos, estéticos, documentais e bibliográficos associados à pesquisa de natureza cultural, como veremos, de seguida.

## Sobre o Património, Património Cultural e a Linguagem

A cultura é um fenómeno humano complexo e, em muitos aspectos, algo que se presta a equívocos. A cultura está, em geral, associada a bens materiais e artefactos, à alimentação, à indumentária e às artes. Digamos que a cultura é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, as percepções, as atitudes, a arte, a moral, a lei, os valores como a dignidade humana, a igualdade, a justiça, e outras capacidades e habilidades que o ser humano adquire como membro de uma sociedade.

Por outro lado, o património, que tem por objectivo a garantia da sobrevivência do indivíduo em sociedade, tem a ver com o conjunto de bens mobiliários e imobiliários, direitos e obrigações, e o património cultural, que é uma representação simbólica da cultura, tem a ver com o sentido público, de identificação colectiva, e que inclui os bens, as manifestações populares e as tradições, tanto materiais como imateriais ou intangíveis. Ao expressar-se por via da cultura dos grupos humanos, o património cultural atribui grande importância às memórias e à selecção dos bens culturais, sendo este legado transmitido para as gerações futuras. Os valores sociais são debatidos no âmbito do património cultural e a atribuição de novos valores constitui-se no cerne da patrimonialização, como mecanismo de legitimação de identidades de diferentes grupos e como processo associado ao turismo cultural, visando a rentabilidade económica e, muitas vezes, objectivos educativos.

É relevante referir neste espírito que a literatura, os costumes e a linguagem se destacam no âmbito dos bens imateriais, sendo a linguagem, e sobretudo a linguagem idiomática, muito complexa e de difícil tratamento analítico, pelo facto de a linguagem, e especificamente a linguagem idiomática, constituir o património imaterial que é o património mais próximo da cultura.

A articulação entre a cultura e a linguagem apoia-se, com frequência, na alegoria, que normalmente opera por dicotomização, expressando a comparação, a símile, a metáfora, o mito ou a fábula, e sendo acompanhada da moral que associa o sentido literal ao sentido figurado na linguagem. A alegoria, que consiste em representar uma ideia abstracta através de símbolos ou imagens poéticas, permite a revelação de um significado escondido, significado este que pode ser moral ou ideológico. A diferença entre a alegoria e a metáfora é que a alegoria utiliza a narrativa para expressar ideias ou ensinar lições, enquanto que a metáfora utiliza palavras para representar ideias. Mas existem outras incursões emergentes, sob forma, por exemplo, da tautegoria. O significado tautegórico, que expressa a mesma coisa, com recurso a palavras diferentes, significa representar apenas a coisa em si mesma, por oposição à representação de uma outra coisa. Schelling (1842/2007) e, antes dele, Coleridge (1884), que, a partir do grego, cunhou o termo “tautegórico” para enfatizar a diferença entre o símbolo e a alegoria, utilizam-no para expressar o mesmo assunto mas com uma diferença, em contraste com a metáfora que é sempre alegórica e que expressa um assunto diferente mas com uma semelhança. A incursão tautegórica apela para o entendimento dos mitos da cultura para que se compreendam os sentidos do tradicional enunciado metafórico, como explica o académico congolês Kitoko-Nsiku

(2005). A articulação entre o conceito da tautegoria e o mundo da mitologia deve, do meu ponto de vista, envolver o alargamento deste conceito, incluindo nele contribuições de domínios da linguística e, sobretudo, enfoques no debate sobre a identidade do significante e do significado e sobre relacionamentos entre si.

Recorrendo a intervenções mitológicas e religiosas, o académico revisita o mito e a sabedoria constantes da passagem do livro de Génesis referente à tentação (Génesis 3) e sugere que, em vez do método alegórico, se utilize o método tautegórico para abordar e interpretar a tríade Deus, mulher e serpente, como símbolos que interagem entre si e que, segundo Kitoko-Nsiku, representam as mesmas coisas (*tauta*). A este propósito, realça o seguinte:

isto significa, por um lado, que Deus paradoxalmente oculta e revela a sabedoria da mulher e da serpente e que, por outro lado, e pelo mesmo simbolismo, a mulher e a serpente também ocultam e revelam a sabedoria de Deus. (Kitoko-Nsiku, 2007, p. 14)

As incursões tautegóricas requerem mais estudos detalhados sobre as convenções e os engenhos retóricos que marcam os pensamentos, as ideias e os argumentos. As convenções e este tipo de engenhos revelam elevados graus de especificidade em cada língua e cultura, e assim sendo, diferentes utentes de línguas recorrem, por um lado, a diferentes engenhos retóricos para marcar funções retóricas como a comparação, o contraste, a expansão, a sequência lógica, por aí adiante, e, por outro, fazem uso de princípios pragmáticos para marcar a transparência, a expressividade, a clareza, a economia, a generosidade, a modéstia, o tacto e a polidez.

De certa maneira, os marcadores discursivos e as funções retóricas como, no caso vertente, a comparação e o contraste de equivalentes traços linguísticos e culturais entre línguas e culturas põem em destaque a peculiaridade, que é uma característica, um traço, uma propriedade ou qualidade essencial, e a idiossincrasia, que é o modo comportamental e a maneira de pensar, peculiar a indivíduos ou grupos de falantes dessas diferentes línguas, como critério-base para a contrastividade linguística e cultural.

## Sobre o Conceito da Relação

São relevantes as reflexões sobre o conceito da relação no contexto da discussão sobre os universais linguísticos e culturais. O meu ponto de vista é que o conceito da relação é feito das diferenças à nossa volta e no mundo mais distante, e que nenhuma diferença, por mais pequena que seja ou possa parecer, deve ser esquecida. Ao fazer-se uso da relação como conceito, o que é que realmente se faz? Afastamo-nos gradualmente da exclusiva ideia do universal e, em última instância, afastamo-nos da ideia da globalização. Para tratar da interconectividade e interdependência, o conceito da relação, como património, parece-me mais útil que a ideia da globalização ou que a noção dos universais.

O universal constitui-se como abstracção e como tal orienta-nos sobretudo para o que é considerado principal, fazendo-nos esquecer a pequena diferença. Contrapõe-se a

isto, a relação, que é total, porque a relação nunca é feita de grandes diferenças. Recorro, a este propósito, ao filósofo-poeta da Martinica, Édouard Glissant (2009, como citado em Diawara, 2009) que, comentando o pensamento caribenho, diz:

na Relação, os elementos não se misturam de qualquer maneira, não se perdem de qualquer maneira. Cada elemento pode manter a sua autonomia, a sua qualidade, mesmo quando se acostuma às essenciais qualidades e diferenças dos outros...A única universalidade hoje é a universalidade das relações que têm por base a diversidade em vez da unidade...Tudo é uma Relação de diferenças... (p. 63)

Comparamos e contrastamos estruturas linguísticas e culturais translinguística e transculturalmente, dando, assim, suporte ao que é cientificamente referido por hipótese whorfiana ou hipótese da relatividade linguística, da autoria dos americanos Sapir e Whorf, que tem a ver com a forma como as pessoas veem o mundo, e como essa forma é determinada total ou parcialmente pela estrutura da sua língua nativa (Whorf, 1940, pp. 207–219). Esta posição, em que intervêm fatores de ordem cultural, social, histórica e cognitiva, advoga que as línguas são produto do seu contexto e que, assim sendo, não se pautam necessariamente por regras universais.

Ao reconhecer-se que o português é uma língua pluricêntrica, não idêntica nas suas variedades metropolitanas, tanto linguística como culturalmente, e ao reconhecer que cada um dos centros cria pressões na direcção da sua variedade – não apenas linguísticas, de natureza fonológica, morfológica, sintática, lexical e discursiva, mas também pressões culturais, de natureza variada – e que estas pressões se aplicam tanto diacrónica como sincronicamente, logicamente se deduz que as influências que o português exerce sobre as variedades emergentes do português nos cinco estados africanos e em Timor, assim como as influências que se exercem sobre as línguas indígenas neles faladas, e sobre as restantes variedades pertencentes ao designado “mundo lusófono” são extremamente complexas. Será necessária muito mais pesquisa para identificar e caracterizar melhor os contornos dessas influências linguísticas e culturais, bem como os impactos que daí possam advir.

Ao decidir que considerandos sobre universais não podem, nem devem, excluir considerandos que tratam das diferenças e sobretudo das pequenas diferenças, a pesquisa sobre a representação de bens patrimoniais no âmbito do património cultural torna-se heurística no propósito e sintética na abordagem; dito de outro modo, a pesquisa adquire foros de natureza sintético-heurística, porque se torna eminentemente inclusiva, não sendo atribuída especial importância a nenhum factor, em particular. Na visão patrimonialista do património cultural (Pereiro, 2006), em que se parte do presente, se revisita o passado, projectando-o para o futuro, os bens patrimoniais representam, no tempo e no espaço, e com idêntico enfoque, tanto formas de vida, como identidades de um determinado conjunto de pessoas. A designação, para mim pacífica, de lusofonia e o conceito a usar numa perspectiva translinguística e transcultural poderia revelar-se aqui um bom exemplo de uma questão relevante do património linguístico-cultural no âmbito deste tipo de pesquisa. *Mutatis mutandis*, o conceito

subjacente à designação de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que se refere aos cinco países africanos falantes de português como língua oficial, encontra aqui certamente o devido espaço para a reflexão e análise, uma vez que no futuro bastará que um dos países adopte uma política linguística plurilingue, que defendo desde sempre (Lopes, 1997), para a designação PALOP deixar de ter sentido.

Por outro lado, ao analisar o conjunto de factores associados ao turismo cultural, podemos investigar apenas um único factor como, por exemplo, o da relação, porque acreditamos que este factor só por si é suficiente para fazer prever o desenvolvimento do turismo cultural, envolvendo-nos, assim, no mundo de uma investigação de propósito dedutivo e com uma abordagem analítica, constituindo-se, pois, numa investigação analítico-dedutiva. Nesta perspectiva “mercantilista” do património cultural, sob forma da produção cultural para o outro – o turista –, o enfoque no que é local e no que constitui diferença, por mais pequena que seja, fará certamente prever reduções no desemprego, incrementos no consumo e a promoção do turismo.

## Conclusão

Como é que sugiro que se trate o parâmetro do propósito da pesquisa, que pode ser tanto heurístico, como dedutivo, testando-se hipóteses ou teorias? Por outro lado, como é que sugiro, que se aborde o património numa perspectiva sintética, visando captar a temática, por inteiro? Ou como é que sugiro que se aborde o património numa perspectiva analítica, visando captar uma das partes constituintes da temática? As duas abordagens são válidas e úteis, só que cada uma considera diferentes facetas da realidade do património cultural.

Neste artigo foram tratados dois parâmetros, o do propósito e o da abordagem, que se situam ao nível conceptual da pesquisa. É fundamental tê-los bem esclarecidos, em devido tempo, para que posteriormente o investigador possa, com a necessária destreza e confiança, progredir para o nível operacional, em que precisa de tomar decisões sobre o terceiro parâmetro referente ao grau de controlo e manipulação do contexto da pesquisa, e tomar decisões sobre o quarto parâmetro relacionado com os dados da pesquisa, sua recolha e análise.

A adopção de uma postura transdisciplinar na pesquisa é, em termos metodológicos, uma questão atitudinal, o que significa ser-se bidireccional translinguística e transculturalmente como é, do meu ponto de vista, a natureza da transculturalidade, que considero dever ser proactiva e retroactiva, sempre assente na pequena diferença, e sem nunca ser descurada. Os três factores, designadamente, a reciprocidade, a tautegoria e a relação, utilizados no tratamento de temáticas culturais e linguísticas de um povo, no seu seio, entre povos ou através destes foram, no presente trabalho, considerados relevantes para a pesquisa transdisciplinar do campo do património cultural. Tais pesquisas podem, por vezes, ter uma orientação ecléctica, combinando livremente elementos dos dois tipos do propósito e dos dois tipos da abordagem e, assim, fazer esbater a diferença entre a pesquisa que quantifica o património cultural e a pesquisa que analisa os dados qualitativamente, para além da visão do mundo de

que o investigador é portador, quando investiga o património cultural ou qualquer outro campo.

## Referências

- Coleridge, S. T. (1884). *Aids to reflection and the confessions of an inquiring spirit*. George Bell.
- Diawara, M. (2009). Conversation with Édouard Glissant aboard The Queen Mary II. In T. Barson, & P. Gorschlüter (Eds.), *Afro modern: Journeys through the Black Atlantic* (pp. 58-63). Tate Publishing.
- Glissant, E. (2009). Glissant's responses to Manthia Diawara in conversations aboard The Queen Mary II. In T. Barson, & P. Gorschlüter (Eds.), *Afro modern: Journeys through the Black Atlantic* (pp. 58-63). Tate Publishing.
- Kitoko-Nsiku, E. (2005). Como explicar os significados extra-linguísticos ou culturais? *Folha de Linguística e Literatura*, 8, 2-10.
- Kitoko-Nsiku, E. (2007). Mythos and wisdom in Genesis 3: 1-24 revisited from an African tautegorical view. *CLÉ*, Yaundé, Camarões.
- Lopes, A. J. (1997). Language policy in Mozambique: A taboo? In R. K. Herbert (Ed.), *African linguistics at the crossroads* (pp. 485-500). Rüdiger Köppe Verlag Köln.
- Lopes, A. J. (2013). *A batalha das línguas: Perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique*. Editora das Letras. (Trabalho original publicado em 2004)
- Lopes, A. J. (2016). Comunicação translinguística e transcultural com enfoque na linguagem idiomática: Uma análise contrastiva discursiva entre o português, xichangana e inglês. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, 18(1), 22-36. <http://doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n1p22-36>
- Lopes, A. J. (2017a, 10 de agosto). *A linha de demarcação entre as políticas linguísticas nos PALOPs e a tradução da Bíblia: Mais vale um pardal na mão que uma perdiz a voar* [Comunicação de abertura]. Seminário de treinamento e supervisão de tradutores da Bíblia, Joanesburgo, África do Sul.
- Lopes, A. J. (2017b, 12 de setembro). *Cutucando a onça com vara longa: Da transdiscursividade à transculturalidade na lusofonia* [Comunicação de abertura]. 7.º Seminário Internacional de Linguística/III Congresso Interdisciplinar de Cortesia/II Simpósio de Linguística Textual: Discurso e Interdisciplinaridade, São Paulo, Brasil.
- Lopes, A. J. (2017c, 23-25 de novembro). *Globalização, diversidade cultural e lusofonias: Circulação trans-espacial da fala portuguesa e sua relação com outras falas* [Comunicação plenária]. III Congresso sobre Culturas—Interfaces da Lusofonia, Braga, Portugal.
- Lopes, A. J. (2018). O aluno universitário moçambicano PL2 e os caminhos da escrita: Um trilho seguro vale mais do que os dois que puseram a quizumba a mancar. *Revista Linha d'Água*, 31(1), 29-49. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v31i1p29-49>
- Lopes, A. J., Mabasso, E. & Langa, P. (2016). *Com todos os efes e erres: Para um léxico de usos idiomáticos —Português-Inglês-Xichangana/With all the bells and whistles: Towards a lexicon of idiomatic usage—Portuguese-English-Shangaan/Kudlaya Nsuna ni Bawa: Ta Kukongoma marito Ya Kufambelana ni Kutirhisa Svivulavulelo—Xiputukezi-Xinghiza-Xichangani*. Liv. Universitária.
- Lopes, A. J., Siteo, S., & Nhamuende, P. (2013). *Moçambicanismos: Para um léxico do português moçambicano*. Editora das Letras. (Trabalho original publicado em 2002)
- Malinowski, B. (1947). Prefácio. In F. Ortiz, *Cuban counterpoint: Tobacco and sugar*. Duke University Press.
- Ortiz, F. (1947) *Cuban counterpoint: Tobacco and sugar*. Duke University Press.
- Osgood, C. E. (1949). The similarity paradox in human learning: A resolution. *Psychological Review*, 56(3), 132-143. <https://doi.org/10.1037/h0057488>

Pereiro, X. (2006). Património cultural: O casamento entre património e cultura. *ADRA-Revista dos sócios do Museu do Povo Galego*, (2), 23-41.

Piaget, J. (1970). *Science of education and the psychology of the child*. Orion Press.

Schelling, F.W.J. (2007). *Historical-critical introduction to the philosophy of mythology*. Tradução de M.Richey a partir de palestras proferidas por Schelling em 1842. State University of New York Press.

Whorf, B. L. (1940). Science and linguistics. In B. L. Whorf (1956)(pp. 207-219).

Whorf, B.L. (1956). *Selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Massachusetts: MIT Press.